

O “adevogado” e o “conje”



Por **MARILIA AMORIM***

Com ou sem laranjas, com ou sem “adevogados”, não existe hoje no país nenhum político, nenhum rábula ou magistrado com a potência discursiva de Lula

A origem popular de Lula está marcada na linguagem. Ontem “menas laranjas”, hoje “adevogado”. É, aliás, uma propriedade da linguagem revelar o que somos. O torneiro mecânico que, para desespero de nossa elite do atraso, tornou-se presidente da República, não teve a possibilidade de completar seus estudos e será sempre alvo de chacotas, das mais brandas às mais perversas. Haverá sempre a necessidade doentia de diminuí-lo, até mesmo por ter perdido um dedo em seu ofício.

Nossa classe média medíocre certamente preferia a mesóclise do vampiro (Temer) ou o professor de português matogrossense que dizia “fi-lo porque qui-lo” (Jânio). Mas o professor renunciou e o torneiro mecânico já avisou que não vai desistir. Então, só resta a ela sublinhar com caneta vermelha os “erros do seu português ruim”^[i].

Ocorre que a sociolinguística, disciplina impulsionada no século passado por William Labov, nos explica que não se pode confundir o registro da língua escrita com o da linguagem oral. Uma de suas pesquisas mais famosas^[ii] demonstrou que a linguagem dos guetos negros de Nova York, que se acreditava pobre e incapaz, era tão performante e rica quanto a dos grupos sociais dominantes. Se alguém duvida, basta lembrar da letra de *Porgy and Bess*, ópera de George Gershwin^[iii]: *Bess, you is my woman now, you is, you is...*

Se impusermos a escrita como norma para a fala, descobriremos que todos nós “falamos errado”. Eu, por exemplo, carioca da zona sul da cidade, escrevo *advogado* mas falo “adivogado”. Ou seja, falo tão “errado” quanto Lula já que, depois do *d* não tem vogal, não tem *e* tampouco *i*. Nunca porém ouvi falar de um deboche qualquer por causa desse *i* inoportuno.

“Falo errado” e, no entanto, sou cheia de diplomas, daqui e dacolá. Como é diplomado aquele juizeco de Curitiba que teve todos os recursos para estudar mas não sabe dizer uma palavra que faz parte do vocabulário básico de qualquer rábula: CÔNJUGE. O sujeito diz “conje”, como gostava de repetir nosso saudoso jornalista Paulo Henrique Amorim. Sem contar que o *Imparcial de Curitiba* apresenta sérias dificuldades para articular frases e períodos, o que também é de surpreender em uma profissão que provém da arte retórica.

Por que isso não o desqualifica? Cadê a classe média que gosta de uma caneta vermelha? A resposta vem de outro grande estudioso da linguagem, o ficcionista Lewis Carroll, através de sua personagem Humpty Dumpty^[iv]: a linguagem é terreno de poder, por ela decide aquele que manda.

Enquanto isso, nosso torneiro presidente dá um banho na arte de falar! O desenvolvimento coerente do raciocínio, a precisão no posicionamento, a diversidade de imagens, a riqueza narrativa, o tom, a ênfase e a valoração, totalidade articulada e criadora de sentido: a fala como um ato ético. Com ou sem laranjas, com ou sem “adevogados”, não existe hoje no país nenhum político, nenhum rábula ou magistrado com sua potência discursiva. Como disse o Adnet, fale mais, Lula, faça mais discursos porque estamos precisando.

***Marília Amorim** é professora aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade de Paris VIII. Autora, entre outros livros de *Petit Traité de la Bêtise Contemporaine* [Pequeno tratado da

burrice contemporânea] (Ed. Érès) (<https://amzn.to/48du8zg>).

Publicado originalmente na revista *Carta Capital* em 18/03/2021.

Notas

[i] Como diziam Roberto e Erasmo Carlos em *Detalhes*: “Não adianta nem tentar me esquecer porque até os erros do meu português ruim vão fazer você lembrar de mim...”

[ii] LABOV, W. Academic ignorance and black intelligence. *The Atlantic*, Boston, v.229, n.6, p.59-67, 1972. Traduzindo: “Ignorância acadêmica e inteligência negra”.

[iii] O libreto é de Ira Gershwin e Du Bose Heyard.

[iv] Em *Alice do outro lado do espelho*.

A Terra é Redonda